

***A DIVINA COMÉDIA* DE DANTE ALIGHIERI: UM PERCURSO PELO BRASIL**

***La Divina Commedia* di Dante Alighieri: un viaggio
attraverso il Brasile**

***Dante Alighieri's Divine Comedy: a Path through the
Brazil***

FERNANDA MORO CECHINEL*

RESUMO: O presente texto é um dos frutos da pesquisa de doutorado, que vem sendo desenvolvida, no Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O objetivo é traçar um possível percurso, percorrido pela *Divina Comédia*, da Itália ao Brasil. O foco são as edições brasileiras do século XX. Para isso, recorreu-se a materiais bibliográficos, destacando-se Laurence Hallewell (2017 [1985]) e Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2019), assim como as próprias edições que são objetos dessa pesquisa. Tudo isso, com o intuito de encontrar pistas do trajeto percorrido. As edições da *Divina Comédia* que foram consultadas, estão catalogadas no *Dicionário de Literatura Italiana Traduzida* (DLIT). Pensando no século XX, das editoras que publicaram a obra de Dante, verifica-se que elas pertencem ao eixo sul-sudeste, com destaque para o Rio de Janeiro, berço do mercado editorial brasileiro. Outra característica é que essas editoras, na sua maioria, caracterizam-se pela publicação de livros didáticos e de baixo custo, possivelmente voltados a um público leitor menos exigente ou objetivando o consumo certo de tais obras.

PALAVRAS-CHAVE: Edições; *Divina Comédia*; Brasil; Editoras.

ABSTRACT: Questo testo è uno dei risultati della ricerca di dottorato, che si sta sviluppando nel Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit) dell'Università Federal de Santa Catarina (UFSC). L'obiettivo è quello di tracciare un possibile percorso fatto della *Divina Commedia*, dall'Italia al Brasile. Lo scopo sono le edizioni brasiliane pubblicate nel XX secolo. Per scrivere questo testo sono stati consultati materiali bibliografici, ad esempio Laurence Hallewell (2017 [1985]) e Lucien Febvre e Henri-Jean Martin (2019), così come la verifica nelle edizioni oggetti di questa ricerca, con l'intento di incontrare indizi del percorso fatto. Le edizioni della *Divina Commedia* che sono sta-

*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

fernandamcechinel@gmail.com – (ORCID: 0000-0002-0697-2869)



te consultate sono catalogate nel *Dicionário de Literatura Italiana Traduzida* (DLIT). Pensando al XX secolo, tra le case editrici che hanno pubblicato l'opera di Dante, si verifica che appartengono all'asse sud / sud-est, in particolare Rio de Janeiro, la culla del mercato editoriale brasiliano. Un'altra caratteristica è che la maggioranza di queste case editrici si caratterizzano per la pubblicazione di libri didattici e di basso costo, possibilmente rivolti ad un pubblico lettore meno esigente o obiettivando la lettura di tali opere.

PAROLE CHIAVE: Edizioni; *Divina Commedia*; Brasile; Case editrici.

ABSTRACT: The present text is the result of a doctoral research that has been developed in the Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit) of the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). The aim of this study is to trace the path of the *Divine Comedy* from Italy to Brazil. In order to do that, Laurence Hallewell (2017 [1985]), Lucien Febvre and Henri-Jean Martin (2019) were used as bibliographical references, as well as the editions used as object in this research. The *Divine Comedy* editions that were used are catalogued in the *Dicionário de Literatura Italiana Traduzida* (DLIT). Bearing in mind the twentieth century, the publishing houses that published Alighieri's work belong to the south-southeast regions, highlighting Rio de Janeiro, the most important city in the Brazilian publishing market. Another characteristic is that most of these publishing houses publish didactic books and low cost ones, possibly aiming at less demanding readers or at the certainty of sale.

KEYWORDS: Editions; *Divine Comedy*; Brazil; Publishing houses.

No ano de 2021 celebra-se os 700 anos da morte do escritor florentino Dante Alighieri. Como forma de recordar essa data, inúmeras atividades e eventos vêm sendo promovidos. Este artigo, fruto da pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida, desde 2019, no Programa de Pós-graduação em Literatura (PPGLit), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), também é uma forma de homenagear *il summo poeta*.

A pesquisa em questão, visa contribuir para os estudos italianísticos no Brasil, por meio da análise dos paratextos (GENETTE, 2009), presentes nas edições brasileiras, da *Divina Comédia*, do século XX. Para tanto, faz-se necessário ter conhecimento do percurso que essa obra fez em terras brasileiras, sua entrada no país, circulação e consumo. Para traçar esse caminho, recorreu-se ao material bibliográfico já existente, bem como à consulta nas próprias edições brasileiras da *Divina Comédia*. O material bibliográfico ao qual recorreu-se foram, principalmente, as obras: *O livro no Brasil: sua história* (2017 [1985]), de Laurence Hallewell, *O Aparecimento do Livro* (2019), de Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, *Literatura italiana traduzida no Brasil: 1900-1950* (2013), organizado por Patricia Peterle, Andrea Santurbano e Lucia Wataghin e *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução* (2011), também com a organização de Patricia Peterle. Já as edições consultadas da *Divina Comédia* encontram-se catalogadas no *Dicionário de Literatura Italiana Traduzida* (DLIT)¹.

De acordo com Antônio Piccarolo, em seu prefácio à edição de 1946, pela editora Edigraf, os primeiros dados referentes à publicação da *Commedia* ocorreram ainda durante a vida de Dante. A data não é precisa, contudo, Piccarolo informa que a primeira publicação da *Commedia* ocorreu em partes, primeiro o *Inferno*, depois o *Purgatório* e, por fim, o *Paraíso*. Após a morte de Dante, descobriu-se 13 cantos faltantes e, a partir de então, possivelmente, publicou-se a obra no formato integral, ou seja, com as três partes conjuntamente (PICCAROLO, 1946).

Entre a morte de Dante, ocorrida em 1321, até 1373, acredita-se que a *Commedia* circulou pela Itália em versões rudimentares, pois o livro, em sua forma moderna, passou a existir apenas por volta de 1430, com a invenção da prensa, por Gutenberg, na Alemanha, (GENETTE, 2009). Contudo, em 1373, Giovanni Boccaccio fez leituras públicas da *Commedia*, na cidade de Florença, pelo período de aproximadamente um ano (STERZI, 2008):

A primeira das *Esposizioni sopra la Comedia di Dante* (título com que seriam publicadas as aulas de Boccaccio) foi ministrada no dia 23 de outubro de 1373, na deteriorada igreja beneditina de Santo Stefano in Badia. A audiência era formada sobretudo por gente do povo, mas certamente alguns literatos também frequentaram as aulas. No contrato, previa-se que os comentários deveriam se desenrolar durante todo o ano, dia após dia, com exceção dos feriados e fins de semana; no entanto, depois de aproximadamente sessenta sessões, no início de 1374, o professor caiu doente e a atividade foi interrompida na leitura do canto XVII do *Inferno*. (p. 18)

¹ O DLIT é um projeto realizado desde 2010, que conta com pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Universidade de São Paulo (USP) e, mais recentemente, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Outras informações podem ser encontradas no site do projeto: <http://www.dlit.ufsc.br/>.

Entre os anos de 1470 (FEBVRE e MARTIN, 2019) e 1472 (GENETTE, 2009), em Foligno (Itália), vê-se a publicação em livro, da primeira edição da *Commedia* que se deu por obra do alemão Johann Neumeister, aprendiz de Gutenberg:

A verdade é que ele se instalou em 1470 em Foligno, pequena cidade da Umbria e sede do bispado. Aí, encontra financiadores e sócios: o ourives Emiliano Orfini e seu irmão Marietto, em seguida Evangelista Angelini. Com sua ajuda, publica a *Historia belli adversus Gothos* de Leonardo Bruni, depois as *Epistolae ad familiares* de Cícero e a primeira edição das obras de Dante. (FEBVRE e MARTIN, 2019, p. 260)

Depois de tornar-se livro e favorecida pelas trocas comerciais entre os países, a obra ganhou o mundo, chegando à Espanha, onde foi traduzida em Barcelona, em 1427, pelas mãos de D. Enrique de Villena, do Consistório Poético, que fora criado em 1390. Via Espanha, Dante chegou à Portugal e lá influenciou um dos maiores poetas portugueses, Luis de Camões (PICCAROLO, 1946). Conhecendo as grandes navegações e a colonização portuguesa no Brasil, não é difícil intuir que, possivelmente, foi dessa forma que a *Commedia* aportou em nossas terras:

Quanto ao Brasil pouco há para dizer a esse respeito. A mentalidade do Brasil colônia foi herdeira e continuadora de mentalidade lusa. Continuou, portanto, no culto do grande florentino e na admiração da sua obra; de modo que a lembrança do poema eterno é muito freqüente nos escritores deste país. Não somente entre a gente de cultura inferior à medíocre, o nome de Dante, como o título da sua obra, são conhecidos, quase diríamos familiares. Quem, de fato, não ouviu na boca de indivíduos que nada ou pouco sabem de italiano, que nunca leram Dante nem poderiam lê-lo, porque o não compreenderiam, quem não os ouviu dizer: -E' digno de Dante – é uma imagem dantesca – são cenas, são sofrimentos do Inferno dantesco, etc.? Somente as figuras universais gozam de semelhante popularidade. (PICCAROLO, 1946, p. LXI)

Retornando à Itália, mais precisamente Veneza, entre os anos de 1551 (GENETTE, 2009) e 1555 (STERZI, 2008), Ludovico Dolce publicou uma edição da *Commedia*, agregando ao título o termo *Divina*. “O adjetivo Divina aparece pela primeira vez nos comentários de Boccaccio, falando dos cantos que faltavam e que fôram descobertos depois da morte do poeta: ‘os treze cantos que faltavam à divina comédia’” (PICCAROLO, 1946, p. XXXII). A partir de então, a obra de Dante Alighieri passa a ser (*A*) *Divina Comédia*.

Assim como fez Gérard Genette, em sua obra *Paratextos editoriais* (2009), ao chamar a atenção do leitor: “Cuidado com os paratextos”, também aqui se pode fazer um alerta, a respeito dos filtros existentes no caminho que uma obra percorre entre a escrita, pelo seu autor, até as mãos do leitor. A exemplo, em se tratando das obras traduzidas, é possível questionar: como é escolhido o que se publica em um país? O que ou quem define essa escolha? José Paulo Paes (1990) aponta um caminho, ao dizer que, o que é traduzido, também ‘educa o gosto’ do público leitor.

No mundo ocidental, quando do surgimento do livro, após a invenção de Gutenberg, as primeiras publicações de que se têm notícias eram as de cunho religioso ou relacionadas à Igreja,

uma vez que era essa a instituição que financiava as prensas nesse período. Pouco depois, com as universidades, a Igreja perdeu o seu monopólio e os livros produzidos passaram a servir a esses locais de ensino (LEFBVRE e MARTIN, 2019).

Já no Brasil, em se tratando da produção literária, tem-se como ponto de partida, a criação, em 1808, da Imprensa Régia, na cidade do Rio de Janeiro. Antes disso, a literatura que circulava pelo país era impressa na Europa (WATAGHIN, 2013). Quando as impressões passaram a ocorrer no Brasil, via Imprensa Régia, tinha-se o crivo do Império, que deveria possuir uma política editorial do que poderia ser publicado ou não no país.

A vinda da corte de D. João VI ao Rio de Janeiro, em 1808, é de suma importância para compreendermos um pouco melhor a formação e o comportamento do mercado editorial brasileiro. Antes da chegada da família real portuguesa pode-se dizer que não existia um comércio de livros realmente ativo em nosso país. Isso, em grande parte, devido ao fato de que apenas uma minoria da população sabia ler e escrever, justificando, assim, a ausência de um mercado editorial consistente e atuante, que não contava com um público consumidor de um “produto” muito distante da realidade vivida. (CASTELAN, 2013, p. 55)

Outro ponto a se destacar sobre a produção editorial brasileira, é a de que, devido ao pouco contato com o livro, o que mais fazia sucesso entre o exíguo público leitor eram os jornais e a literatura publicada em folhetim (LEFBVRE e MARTIN, 2019).

O italiano Giuseppe Adorno pode ser considerado, no Brasil, o primeiro a ter seu nome associado a Dante. Giuseppe e seus irmãos, Francesco e Paolo, vieram ao Brasil, em uma expedição chefiada por Martim Afonso de Sousa, por volta de 1532. Aqui, segundo relata Aurora Bernardini (2013), Giuseppe “versado em latim e nos clássicos, reuniam-se em sua casa os missionários da aldeia de São Vicente, amigos de Anchieta e de Nóbrega, lendo, juntos, **Dante e Petrarca**” (BERNARDINI, 2013, p. 8).

Já no século XIX, por meio dos comentários apresentados abaixo, feitos por Lucia Wataghin em *Para um mapeamento da recepção da literatura italiana no Brasil*, capítulo do livro *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950* (2013) vemos que: “A maioria dos clássicos da literatura mundial (Dante, Milton, Ariosto) chegavam ao Brasil importados do Portugal” e

Há notícias de um importante fluxo de importações do Portugal para o Brasil de clássicos da literatura e de romances da moda em edições populares portuguesas por todo o século XIX; entre os clássicos da literatura mundial editados pela casa editora David Corazzi de Lisboa (que aparentemente tinha, em 1885, uma filial no Rio de Janeiro) estão o *Inferno* de Dante e *Orlando Furioso* de Ariosto, em traduções portuguesas. (WATAGHIN, 2013, p. 23)

Quando D. Pedro II assumiu o Império, viu-se uma grande influência francesa nas publicações. Influência essa que se perceberá ainda no século XX, a exemplo da bem-sucedida editora Garnier, no Rio de Janeiro.

No século XIX, o inteiro sistema da literatura traduzida no Brasil é complicado pela extraordinária intensificação da presença francesa: textos e notícias das novas tendências da cultura e das literaturas européias chegam ao Brasil filtrados em grande parte pela França: é Paris (e não Roma, nem Lisboa) a meta privilegiada de viagens e sede de longas permanências dos intelectuais brasileiros. O interesse pela cultura francesa se registrava há tempo nos ambientes intelectuais brasileiros: as idéias do iluminismo, fundamentos da revolução francesa, alimentaram também o movimento da Inconfidência Mineira (1789), e a influência francesa se intensificou ainda mais a partir de 1816 com a chegada da missão artística francesa (e se estendeu até o séc. XX, quando foi substituída pela americana). (WATAGHIN, 2013, p. 24)

No Brasil, segundo Pedro Falleiros Heise, em sua dissertação de mestrado, *A introdução de Dante no Brasil: o Ramalhete poético do parnaso italiano de Luiz Vicente De Simoni* (2007), reiterado por Maria Teresa Arrigoni em *Em busca das obras de Dante em português do Brasil (1901-1950)*, que consta na obra *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução* (2011), a primeira notícia que se tem da *Divina Comédia*, em português, é no Rio de Janeiro, em 1843, na obra *Ramalhete poético do parnaso italiano*, do médico, poeta e tradutor Luiz Vicente De Simoni. O tradutor era italiano de nascença, mas adotou o Brasil como sua pátria. De Simoni

desembarcara no Rio de Janeiro em 1818, com 25 anos. D. João VI nomeara-o médico primário da Santa Casa e D. Pedro I concedera-lhe, em 1823, a direção geral dos hospitais do Estado. Junto com os Andrada lutou que fossem fundadas, quase ao mesmo tempo, as faculdades de Direito de São Paulo e Olinda e as de Medicina no Rio de Janeiro e da Bahia. Versado que era em literatura e teatro, foi professor particular das princesas, no II reinado, sendo sua casa um dos lugares preferidos pelos intelectuais e centro de grande influência. (CENNI, 1958, p. 36 apud BERNARDINI, 2013, p. 10)

O *Ramalhete*, segundo consta em seu prefácio, foi dedicado a D. Pedro II e a imperatriz Teresa Cristina. O público leitor da tradução seria os próprios imperadores e sua corte (WATAGHIN, 2013). A tradução de De Simoni contém 6 cantos em verso: o canto inicial de cada uma das três partes (*Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*), os versos de 70 a 142 do V canto do *Inferno*, o início do canto XXXIII do *Inferno* até o verso 88 e o canto XXXI do *Paraíso* (HEISE, 2007).

No ano de 1864, o canto VI do *Purgatório* foi traduzido por Gonçalves Dias. Já no ano de 1874, Machado de Assis publicou, no jornal *Globo*, a tradução do canto XXV do *Inferno* (ARRIGONI, 2011). Tradução essa que estimulou José Pedro Xavier Pinheiro a traduzir a *Divina Comédia* (conforme consta no prefácio da edição de 1907 da editora Garnier). Em 1886, há uma publicação portuguesa do *Inferno* feita pelo brasileiro Joaquim Pinto de Campos. Importante ressaltar que, como nos diz Paes (1990), a respeito das traduções em língua portuguesa de Portugal e portuguesa do Brasil, nesse período, “ainda não se acentuara tanto a diferenciação entre o falar de lá e de cá que tende hoje a afastar o leitor comum das versões portuguesas” (p.22-23). Vale destacar também que, nesse momento, boa parte das publicações brasileiras eram impressas em Portugal e depois na França.

Em 1888, no Rio de Janeiro, publica-se uma versão integral, em verso, pela Imprensa Nacional, com tradução do Barão da Villa da Barra (STERZI, 2008). Nesse mesmo ano, José Luiz de Freitas publica a tradução do *Inferno* feita por José Pedro Xavier Pinheiro (PINHEIRO, 1918).

Quem também se aventurou a traduzir Dante foi o imperador D. Pedro II que, em 1889, publicou a tradução dos versos de 1 a 90 do canto XXXIII e os versos de 73 a 142 do canto V, ambos do *Inferno* (ARRIGONI, 2011). De Simoni, o primeiro tradutor de Dante, trabalhou na corte na época do império de D. Pedro II, podendo tê-lo influenciado nessa tradução.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, circulavam pelo país trechos da *Divina Comédia*, traduzidos também por Generino dos Santos (ARRIGONI, 2011), Bernardo Guimarães, Francisco Octaviano, Adherbal de Carvalho, Pires de Almeida, Silva Nunes, João Francisco Gronwell (GARNIER, 1910 [1907]) e Gondin da Fonseca (ARRIGONI, 2011).

Já no século XX, no ano de 1907, tem-se como primeira publicação, integral e em verso, a de Xavier Pinheiro, pela Typografia Nacional do Instituto Profissional Masculino, do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano há uma reedição, pela Garnier, da tradução do Barão da Villa da Barra, com reimpressão em 1908. Do Barão, ao longo do século XX, há também uma publicação, em 1942, feita pela Edições Cultura.

No ano de 1918, o Editor Jacintho Ribeiro dos Santos publica uma nova edição da tradução de Xavier Pinheiro, composta por: um rimário feito pelo filho do tradutor, imagens de Gustave Doré, uma breve explicação dos editores, o prefácio de 1907 (com algumas alterações) e um prefácio próprio para a edição. A tradução de Xavier Pinheiro também seria publicada em 1946 pela Leia e pela Edigraf, que publicaria novamente em 1958. Em 1949, quem publica é a Jackson Editores/Gráfica Editora Brasileira e, em 1962, a Atena Editora.

Nos anos de 1920 apareceu uma edição com tradução de Eduardo Guimaraens do canto V do *Inferno* pela Editora Livraria Americana. Sobre Guimaraens sabe-se que, seu nome

...encontra-se relacionado “ao fascínio ao qual os simbolistas não escaparam”, ou seja, mais diretamente, às traduções de Baudelaire, de quem Guimaraens traduziu oitenta poemas de *As flores do mal*, tendo sido, segundo Paes (1990, p.24), “quem melhor e mais extensamente o traduziu”. (ARRIGONI, 2011, p. 55)

No início dos anos 1930, a Livraria João do Rio publicou *O Inferno*, com a tradução de Joaquim Pinto de Campos e *O Purgatório* pelo Dr. César Augusto Falcão. Traduções essas, que apareceram depois na coletânea da Editora das Américas, sem data, em 10 volumes, intitulada *Obras Completas: contendo o texto original italiano e a tradução em prosa portuguesa*. Além de Campos e Falcão aparecem como tradutores dessa coletânea: Aldo della Ninna e P. Vicente Pedroso. Sobre essa edição, a informação que se tem, é de que os dois primeiros volumes são a tradução do *Inferno*, feita por Joaquim Pinto de Campos:

2 Outras informações sobre as traduções de D. Pedro II podem ser encontradas via projeto do Núcleo de Estudos de Processos Criativos - NUPROC-CCE-UFSC, coordenado pelo professor Dr. Sergio Romanelli.

Publicada pela primeira vez em Lisboa, essa tradução do Inferno da DC encontra-se atualmente nos dois primeiros livros da coletânea das obras de Dante Alighieri traduzida em português e publicada em dez volumes pela Editora das Américas. É uma tradução em prosa na qual, além de ser precedido por uma longa apresentação, cada canto traduzido é seguido de um capítulo com longas notas explicativas e comentários a respeito de fatos históricos e dos episódios. (ARRIGONI, 2011, p. 52)

Encerrando a primeira metade do século XX, nos anos 1940 surgiu uma nova tradução da *Divina Comédia*, pelas mãos de Malba Than, publicada pela editora Aurora. No entanto,

Estudos mais específicos, abrangendo as questões tradutórias, podem analisar as escolhas de Xavier Pinheiro, mas o que se pode constatar é que, não constam outras traduções integrais da DC na primeira metade do século XX, com toda probabilidade devido ao sucesso da tradução de Xavier Pinheiro, e de suas sucessivas reedições. (ARRIGONI, 2011, p. 55)

Por volta da década de 1950, ler Dante era destinado “aos mais crescidinhos e cujos pais haviam frequentado o ‘colegial’ na Itália” e os “estudantes que vieram a ingressar em alguma Faculdade pertencente ao âmbito humanístico” (BERNARDINI, 2013, p. 17).

Em 1969, Henriqueta Lisboa traduziu alguns cantos do *Purgatório*, que foram publicados pelo Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. No ano de 1976, a Editora Fontana e o Instituto Italiano di Cultura publicaram *6 Cantos do Paraíso*, traduzidos por Haroldo de Campos. Ainda em 1976, a Itatiaia e Edusp publicaram a *Divina Comédia*, com tradução de Cristiano Martins. No ano de 1979, além de uma reedição da tradução de Cristiano Martins, há pela Abril Cultural/Editor Victor Civita, uma edição traduzida por Hernani Donato, republicada em 1981.

Nos anos 1980, sem tradutor mencionado, a Otto Pierre/Círculo do Livro publicou o *Paraíso*. E, em 1991, verifica-se novamente, uma tradução de Cristiano Martins, mas agora, editada pela Villa Rica Editoras Reunidas.

No século XX, segundo o DLIT, há ainda uma outra tradução da *Divina Comédia*, mas sem ano, pela editora Otto Pierre Editores/Círculo do Livro, com tradução indicada como sendo dos Editores Otto Pierre. Segundo Arrigoni (2011), nesta segunda metade do século XX, outros mais traduziram a obra de Dante no Brasil, como Augusto de Campos, João Wanderley, João Ziller e Italo Eugênio Mauro.

Antes da nossa pesquisa seguir com as especificidades das publicações do XX, é importante mencionar que, no século XXI, também continua a se publicar a *Divina Comédia*. A maioria são reedições das traduções de José Pedro Xavier Pinheiro. Contudo, destacam-se a edição bilíngue da Editora Landmark, com tradução de Vasco Graça Moura. Uma edição de bolso da Editora 34, com tradução de Italo Eugênio Mauro. E, em 2021, as edições comemorativas, da Martin Claret, com tradução de Xavier Pinheiro e, a edição da Ateliê Editorial, cuja tradução é de João Trentino Ziller.

Voltando o olhar para as edições da *Divina Comédia* publicadas no Brasil, no século XX, faz-se necessário conhecer um pouco das editoras que estiveram por trás dessas publicações.

Baseado no que apresenta o DLIT, 18 diferentes editoras publicaram a obra de Dante ao longo do século XX. As perguntas norteadoras a partir daqui serão: o que levou essas editoras a publicarem Dante? E para qual público publicavam?

Das editoras, o primeiro dado que se observa é que pertencem ao eixo sul-sudeste, em especial, o Rio de Janeiro. Apesar de São Paulo ser notoriamente o berço dos italianos no Brasil, é o Rio, o berço do mercado editorial do país (SILVA, 2009).

Em se tratando das editoras brasileiras, no início do século XX, destaca-se a Editora Garnier, de origem francesa e instalada no Rio de Janeiro, que publicou a *Divina Comédia* nos anos de 1907, com posteriores reimpressões. E nos anos de 1940, destacam-se a Editora Globo e José Olympio pela atuação com obras traduzidas. De forma geral, o mercado editorial brasileiro no século XX caracterizou-se pela publicação de livros didáticos:

...o comércio de livros didáticos ganha grande espaço no cenário editorial do país. Se no começo do século XIX tínhamos uma população que não sabia ler e escrever, esse quadro é revertido já na primeira metade do século XX, prova disso é a intensa produção de livros escolares. Não se pode esquecer que o interesse das editoras pelos didáticos apresenta relação direta com sua garantia de venda, e conseqüentemente, de lucro. (CASTELAN, 2013, p. 58)

A respeito das editoras brasileiras que publicaram Dante, com exceção da Garnier, pouco ou nada se sabe sobre elas, suas histórias se diluíram com o passar dos anos. No entanto, será apresentado aqui alguns dados encontrados.

O percurso se inicia com a Tipografia do Instituto Profissional Masculino. A Tipografia, situada no Rio de Janeiro, era ligada ao Império. Em sua edição da *Divina Comédia*, na página de rosto, aparece a informação de que estava localizada no Boulevard 28 de setembro, bairro de Vila Isabel. A respeito da publicação da *Divina Comédia*, consta no prefácio da edição de 1907, que a impressão se deu durante o governo municipal do Dr. Xavier da Silveira Junior, que sendo prefeito e amigo de J. A. Xavier Pinheiro, filho do tradutor, recomendou a publicação, para se fazer cumprir a lei, aprovada anos antes:

Informado pelo diretor de instrução, o Sr. Medeiros e Albuquerque, o Sr. Dr. Xavier da Silveira Junior mandou que o Instituto Profissional recebesse de minhas mãos os originaes queridos para imprimil-os, de acordo com as leis aprovadas. (PINHEIRO, 1907, s/p.)

Outra editora que publica a *Divina Comédia* foi a Garnier, considerada como a principal editora brasileira da primeira metade do século XX (PAES, 1990 apud ARRIGONI, 2011). De acordo com Ivair Carlos Castelan em *Mercado Editorial Brasileiro na primeira metade do século XIX: breve panorama*, baseado nos estudos de Hallewell, diz que,

(...) a Garnier, sem sombra de dúvida, foi a mais importante na constituição e desenvolvimento, pode-se dizer, do mercado editorial brasileiro, funcionando de 1844 a 1934. A Garnier destacou-se, principalmente, pela publicação de romances em folhetins, livros

de poesia, livros escolares, traduções e métodos comerciais. Seus maiores interesses de impressão constituíam-se em escritores jovens, nos grandes nomes da literatura nacional e universal, pois o 'consumo' era garantido e, também, por coleções 'em que a oferta de algum título individual atrairia o leitor, levando-o a adquirir outros volumes da série. Isto se aplicava aos autores já falecidos cujas obras pudessem ser reeditadas numa coleção completa'". (HALLEWELL, 2005 apud CASTELAN, 2013, p. 55)

No *Catalogo Geral* da Livraria Garnier, de 1913, a respeito da *Divina Comédia* de Dante, consta a seguinte informação:

Dentre as traduções feitas em português da Divina Comedia ocupa um posto de merecido destaque, não só pela fidelidade, se não também pela pureza castiça de linguagem, a do barão da Villa da Barra, uma das mais fortes organizações intellectuaes do Brazil.

Esta magnifica traducção dos Immortaes tercetos da epopéa dantesca não era, porém, encontrada á venda pelas centenas de pessoas que a reclamavam. (1913, p. 72)

Na sequência do *Catalogo*, na lista dos autores e obras publicadas pelas editora, em relação a Dante, aparece apenas a *Divina Comédia* como publicada pela editora (GARNIER, 1913). A respeito da história da Garnier no Brasil, há no dossiê *A França no Brasil – La France au Brésil*, feito pela Biblioteca Nacional, na sessão *Construtores*, no item *Livros e Edições: Garnier* que,

Baptiste-Louis Garnier, um dos mais importantes livreiros e editores franceses no Brasil, chegou ao Rio de Janeiro em 1844. Era o mais moço dentre quatro irmãos que já tinham se estabelecido com lojas em Paris, desde 1828.

Os irmãos Auguste e Hippolyte mantiveram uma sociedade com Baptiste-Louis, e suas experiências anteriores foram fundamentais para o sucesso dos investimentos no Brasil. Na França, a sociedade dos irmãos produziu obras de cunho erótico que certamente tiveram um papel significativo nos lucros, mas que se constituíam em risco, tendo-se envolvido em situações policiais, conforme demonstram alguns estudos.

No Brasil, produziu o que aparecia em seus catálogos e nos anúncios do *Jornal do Commercio* como *Livros para cavalheiros*, com textos de autores como Paulo Mantegazza e George Ohnet. Mas, os investimentos focalizaram autores brasileiros e ampliaram a valorização da impressão de livros brasileiros na França. Novidades, já implantadas na Europa, como o formato francês do livro, foram introduzidas por Garnier, como também os preços de capa fixos, e a exibição de lançamentos nas vitrines.

Baptiste-Louis foi o editor de Machado de Assis, e também de um grande número de autores nacionais, como José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, e também Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, tornan-

do-se a principal casa editorial brasileira. Publicou um grande número de compêndios para a instrução pública, adquiriu grande número dos direitos de edição de romances de autores iniciantes, divulgou poesia, livros científicos e escolares. Intensificou traduções e foi consolidando o sucesso editorial no Brasil. (BN, s/d)

Outro autor italiano que a Garnier havia publicado no início do século XX, foi Alessandro Manzoni com *Os noivos*, em 1902, cujo tradutor se desconhece, contudo sabe-se que a tradução foi feita a partir do texto em francês (WATAGHIN, 2013).

Outra publicação carioca da *Divina Comédia* foi feita pelo Editor Jacintho Ribeiro dos Santos em 1918. Segundo o artigo *Mercado Editorial de Livros Didáticos de História do Brasil na Cidade do Rio de Janeiro (1870-1920)* de Alexandra Lima da Silva (2009), Jacintho Ribeiro dos Santos era proprietário da Livraria Popular, voltada à venda de livros mais baratos, destinado ao público de massa, além do Editor se destacar pela publicação de livros didáticos. Após, a Livraria Jacinto se especializou na publicação de obras de direito (HALLEWELL, 2017 [1985]).

Os anúncios de Jacinto exibem também uma miscelânea de assuntos. Em 1919, oferecia, ao lado de livros de direito e textos escolares, uma edição da *Divina Comédia*, na tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, em dois volumes encadernados, com 1440 páginas, por 25\$000; um *best-seller* de culinária, *Noções de Arte Culinária* (que vendeu perto de treze mil exemplares em seu primeiro ano e atingiu vinte e seis impressões em 1947) e a terceira edição do romance *Exaltação*. (p. 304)

Em 1945 a Livraria Jacinto foi adquirida pela Editora A Noite (HALLEWELL, 2017).

Ainda no Rio de Janeiro, há também a Livraria João do Rio e nada se sabe sobre essa livraria, apenas que o nome, João do Rio, faz referência a Paulo Barreto, carioca do século XX, que ficou conhecido por suas crônicas. A respeito do público leitor no Brasil, Alessandra El Far, na obra *O livro e a leitura no Brasil* (2006), apresenta uma discussão ocorrida entre João do Rio e Olavo Bilac, aquele, por meio de dados estatísticos, afirmava que o Brasil era, naquele período, um país de leitores. Já Bilac, baseando-se no número de obras publicadas, dizia o contrário.

Da história da editora Atena (ou Athena) sabe-se que foi fundada no Rio de Janeiro em 1935 (ao se verificar outras obras, também aparece a indicação da cidade de São Paulo), e aproveitou-se do mercado de ficção traduzida, que estava se firmando no Brasil (HALLEWELL, 2017 [1985]). A editora publicou, em 1937, outra tradução de Dante, *Vida Nova*, traduzida por Paulo M. Oliveira e Blasio Demetrio (ARRIGONI, 2011). A Editora também publicou: *O príncipe* (1955) de Niccolò Maquiavel, *Dos delitos e das penas* (1937) de Cesare Beccaria, *A escola dos ditadores* (1942) e *Fontamara* (1942) de Ignazio Silone, *A cidade do sol* (1935) de Tommaso Campanella, *Vida de Verdi* (s/a) de Marcilio Sabba e *I fioretti* (1937) de São Francisco de Assis (DLIT, s/a). Atualmente, ela se dedica a publicações científicas das mais variadas áreas, a *Divina Comédia* de Dante não figura mais em seu catálogo.

Seguindo com o elenco das editoras cariocas sobre as quais nada se sabe, há a Gráfica Editora Aurora LTDA e a Otto Pierre Editores/Círculo do Livro. Sobre a Villa Rica Editoras Reunidas Limitadas, é sabido que, a impressão da *Divina Comédia* foi fruto de uma parceria entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Chegando ao sul do país, encontra-se a Editora Livraria Americana, do Rio Grande do Sul. A Livraria Americana foi fundada nos anos de 1880 na cidade de Pelotas por Carlos Pinto (HALLEWELL, 2017) e funcionou até 1916. A Americana caracterizou-se pela produção de livros didáticos, bem como, pela publicação de livros de baixo custo (ARRIADA, 2012). Entre o século XIX e meados do século XX, foi a Editora mais importante do Rio Grande do Sul, que por conta de uma brecha na legislação estadual, “permitia” que as editoras publicassem os mais variados títulos, sem se preocupar com as devidas licenças e direitos (HALLEWELL, 2017).

Em São Paulo temos a Leia, a Gráfica Editora Edigraf e o Instituto Cultural Italo-Brasileiro. No entanto, sobre as atividades editoriais das duas primeiras editoras, além da publicação da *Divina Comédia* no século XX, nada mais se sabe sobre suas histórias. Já o Instituto Cultural Italo-Brasileiro, também publicou, em parceria com a Editora Hucitec e o Instituto Italiano de Cultura, *Opúsculos morais* (1992) de Giacomo Leopardi e *Reflexões* (1955) de Francesco Guicciardini (DLIT, s/d).

Ainda em São Paulo, a Abril Cultural/Victor Civita faz parte do conhecido Grupo Abril, com inúmeras publicações em revista de diversas áreas. No site do Grupo, consta que ela foi fundada em São Paulo, nos anos 1950, por Victor Civita e teve como sua primeira publicação a revista em quadrinhos, *O Pato Donald*. Civita destacou-se nos anos 1960 por levar a literatura para as bancas de jornais, por meio da publicação em fascículos. Com a marca Abril Cultural/Victor Civita também publicou em 1978 *O falecido Mattia Pascal e Seis personagens à procura de um autor* de Luigi Pirandello (DLIT, s/d). A Abril Cultural, que existiu entre 1968 e 1982, era a linha do grupo Abril que produzia livros para comercialização em bancas de jornais e revistas e, a partir de 1980, começou a pensar na publicação também de autores brasileiros, logo, pode-se concluir que até então ela publicava autores estrangeiros traduzidos. Sob o selo Abril Cultural publicou outros autores italianos como *Decamerão* (1970) de Boccaccio e *Os noivos* (1971) de Alessandro Manzoni (DLIT, s/a). Em 1973, como uma de suas estratégias de venda, junto com as edições em formato de bolso e as coleções, criou-se o Círculo do Livro, inspirado nos clubes de livros já existentes na Europa. Em 1982 a Abril Cultural passou a ser Nova Cultural (HALLEWELL, 2017).

Da parceria entre São Paulo e Belo Horizonte, resulta a publicação das editoras Itatiaia e Edusp. Fundada em 1954, a Editora Itatiaia, na década de 1970, comprou o acervo existente da Livraria Garnier. A Itatiaia é tida como uma das editoras mais importantes do estado de Minas Gerais, fundada por Pedro Paulo de Senna Madureira e Edison Moreira (HALLEWELL, 2017). A respeito da Edusp, editora da Universidade de São Paulo, que foi fundada em 1962 e, a partir de 1963, com a gestão de Mário Guimarães Ferri, começou a publicar em coedições, editora universitária e editoras comerciais. Um dos frutos dessas coedições foi a *Divina Comédia*. A

Edusp foi a pioneira no mercado das coedições, surgido no Brasil entre 1970 e 1980. Até 1988 a Edusp tinha publicado 1.955 obras em coedição (HALLEWELL, 2017). Atualmente, a obra dantesca não figura mais em seu catálogo.

A W.M. Jackson Editores que possuía, desde 1941 uma gráfica própria, a Gráfica Editora Brasileira (HALLEWELL, 2017), na folha de rosto das edições publicadas da *Divina Comédia*, indica as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Foi uma editora norte americana, que tinha como política editorial a “venda de coleções de livros em prestações” (p.409). “A Jackson, empresa de Nova York com amplos interesses latino-americanos, fora pioneira nessa linha de comércio livreiro no Brasil desde 1911” (p.409). De 1914 a 1921 produziu a primeira enciclopédia brasileira, em 20 volumes, *Enciclopédia e Dicionário Internacional*. Em 1937 adquiriu os direitos autorais de Machado de Assis e, em 1941, os de Humberto de Campos. Na segunda metade do século XX, entre os anos de 1950 e 1970, período da fusão das grandes companhias editoriais no mundo, a Jackson foi incorporada a Grolier Inc., e na sequência, ao Grupo Rowman and Littlefield (HALLEWELL, 2017). A Jackson publicou outra obra de Dante, *Da Monarquia*, em 1950, com tradução de Antonio Piccarolo (prefaciador das edições de 1946 da *Divina Comédia*) e Leonor de Aguiar, com prefácio de Adolfo Ravà. Também publicou os *Noivos* de Manzoni em 1963 (DLIT, s/d).

A Editora das Américas (ou Edameris) iniciou suas atividades em 1946 em São Paulo, através de Savério Fittipaldi, que já possuía familiaridade com o mercado editorial:

...começara aos doze anos como auxiliar na Quaresma e, de 1919 a 1937, tivera sua própria Livraria Carioca (depois Livraria João do Rio, quando da morte de Paulo Barreto), foi para São Paulo, onde, em 1946, já reunira capital suficiente para voltar aos negócios com a Editora das Américas (Edameris), publicando clássicos da história e da literatura mundiais em muitos volumes (...). (HALLEWELL, 2017, p. 576)

Publicou também *A cruz de Roma* (s/a) de Pietro Mele e *Margarida Pustela* (1949) de Cesare Cantù (DLIT, s/d).

Sobre as Edições Cultura nada foi encontrado. Já a Editora Fontana/Instituto Italiano di Cultura sabe-se que publicou também, *Um homem só* (1980) e *O homem e o cão* (1979) de Carlo Cassola, *O conselho do Egito* (1981) e *A cada um o seu* (1981) de Leonardo Sciascia (DLIT, s/a).

Como percebido, chega-se ao século XXI sabendo muito pouco ou quase nada das editoras que publicaram a *Divina Comédia* de Dante no século anterior, bem como sobre o que motivou tais publicações. A exceção é a editora Garnier, que marcou o mercado editorial brasileiro. Contudo, com base nas informações obtidas ao longo da pesquisa, percebe-se que, ao menos no século XX, boa parte dessas editoras estavam ligadas à produção de livros de baixo custo, sejam eles de bolso ou vendidos em bancas. Livros esses voltados a um público leitor, talvez, menos exigente. Também se verificou a ligação dessas editoras com a publicação de livros didáticos, oriundo possivelmente do pensamento de um mercado certo para a compra de tais obras. Outra

característica, que perpassa algumas dessas editoras, é a venda de obras por meio de coleções, clubes de leitura ou em fascículos. Apesar do desconhecimento que ronda essas editoras, o que se vê, é que elas contribuíram para a divulgação e popularização de Dante no Brasil.

Referências

ARRIADA, E. Livrarias e editoras no Rio Grande do Sul: o campo editorial do livro didático. *Reunião Anual da Anped*, n. 35, 2012, p. 1-17. Disponível em: <https://anped.org.br/biblioteca/item/livrarias-e-editoras-no-rio-grande-do-sul-o-campo-editorial-do-livro-didatico>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ARRIGONI, M. T. Em busca das obras de Dante em português do Brasil (1901-1950). In: PETERLE, P. (org.). *A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália: sob o olhar da tradução*. Tubarão: Copiart, 2011, p. 43-60.

BERNARDINI, A. Migrações e traduções: algumas relações ítalo-brasileiras. In: PETERLE, P. SANTURBANO, A. WATAGHIN, L. (orgs.). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói-Rj, Editora Comunità: 2013, p. 11-19.

BIBLIOTECA NACIONAL (BN). Periódicos & Literatura: Tipografias Cariocas. In: *Biblioteca Nacional*. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/tipografias/tipografias-cariocas/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CASTELAN, I. C. Mercado editorial brasileiro na primeira metade do século XIX: breve panorama. In: PETERLE, P. SANTURBANO, A. WATAGHIN, L. (orgs.). *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói -Rj, Editora Comunità: 2013, p. 54-60.

DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO DE LITERATURA ITALIANA TRADUZIDA (DLIT). In: *Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida*. Disponível em: <http://www.dlit.ufsc.br/>. Acesso em: 23 fev. 2021.

FEBVRE, L. MARTIN, H. J. *O aparecimento do livro*. Trans. MORETTO, F. M. L. MACHADO, G. M. São Paulo: EDUSP, 2019.

GARNIER. Advertência do editor. In: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. BARRA, B. da V. da. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1910 [primeira edição: 1907]. p. V-XVI.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. FALEIROS, A. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. Trans. VILLALOBOS, M. da P. OLIVEIRA, L. L. de. SOUZA, G. G. São Paulo: EDUSP, 2017 [primeira edição: 1985].

HEISE, P. F. *A introdução de Dante no Brasil: o Ramallete poético do parnaso italiano de Luiz Vicente De Simoni*. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 102 f., 2007. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-02012008-111131/pt-br.php>

IZARD, E. *Catálogo Geral*. Rio de Janeiro: Garnier, 1913, p.72.

PAES, J.P. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo. Ática, 1990.

PICCAROLO, A. Dante Alighieri e sua obra. In: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. São Paulo: EDIGRAF, 1946, p. XI-LXII.

PINHEIRO, J. A. Xavier. A segunda edição. In: ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Rio de Janeiro. Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918. s/p.

PINHEIRO, J. A. Xavier. Da primeira edição. In: ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Rio de Janeiro. Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918. s/p.

PINHEIRO, J. A. Xavier. Prefácio. In. ALIGHIERI, Dante. *Divina Comédia*. Rio de Janeiro. Typographia do Instituto Profissional Masculino, 1907, s/p.

SILVA, A. L. da. Mercado Editorial de Livros Didáticos de História do Brasil na Cidade do Rio de Janeiro (1870-1920). *Seminário Brasileiro Livro e História Editorial*, n. II, 2009, p. 1-16. Disponível em: http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Alexandra_Lima_Silva.pdf. Acesso em: 16 fev. 2021.

STERZI, Eduardo. *Por que ler Dante*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

WATAGHIN, Lucia. Para um mapeamento da recepção da literatura italiana no Brasil. In: PETERLE, P. SANTURBANO, A. WATAGHIN, L. *Literatura Italiana Traduzida no Brasil 1900-1950*. Niterói -Rj, Editora Comunita: 2013, p. 20-39.

Recebido em: 08/04/2021

Aprovado em: 01/10/2021